

EDITORIAL

Clara Virginia de Queiroz Pinheiro

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-doutorado no CNRS/CERME3/Université Paris-Descartes. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza/Unifor.

“O contemporâneo à luz da psicanálise”, eis a questão que impulsiona os trabalhos reunidos no presente dossiê. O contemporâneo é proposto como tema do debate, considerando os *estranhamentos* provocados pelas transformações da experiência da subjetividade no que diz respeito:

1. Às formas de problematização do sofrimento psíquico, por exemplo, o suicídio, cujo índice epidemiológico é alarmante, sendo considerado um problema de saúde pública. Tal forma de abordar o suicídio impõe um deslocamento do olhar clínico, por exemplo, do singular para o coletivo;
2. À violência social - como racismo, homofobia, xenofobias, machismo, impulsionada por princípios identitários, eu/não-eu, como critérios de inclusão/exclusão, de pertencimento e vinculação ao grupo;
3. À autonomia e vulnerabilidade, que ocupam o primeiro lugar no ranking das prioritárias das políticas públicas em saúde, uma vez que o sujeito autônomo se constitui em ideal, modelo social, na educação, trabalho, família (Ehrenberg, 2004). A autonomia é uma problemática referente ao Sujeito de Direito, deslocando assim o foco do sujeito sexual;
4. Às transformações da experiência da sexualidade, no que dizem respeito aos saberes, instituições, tecnologias, tais como por exemplos, os discursos de gênero, a teoria queer, os movimentos LGBTT, que tematizam o sexo em termos dos corpos e dos prazeres, desejos “inomeáveis”, indizíveis, pois, como esclarece Judith Butler; “a expressão corpos e prazeres abre a possibilidade do corpo não marcado, de corpos que não são pensados ou vividos em termos de diferença sexual, e desprazeres difusos, talvez inomeados, intensos e intensificantes” (citado em Ayouch, 2018).
5. Às novas tecnologias que transformam nossas relações com o tempo e o espaço, bem como com o próprio corpo e com o outro;
6. Ao Estado brasileiro, proteção social e justiça social, ao governo e política brasileira e à sociedade brasileira, que marcam o presente como um momento crucial de nossa história, envolvendo redimensionamentos dos parâmetros éticos, normativos e políticos dos laços sociais;
7. Por fim, às vivências planetárias da pandemia do Coronavírus em curso, a propósito das quais perguntamos sobre que forma de subjetivação emerge dos abalos ao nosso modo de viver coletivamente?

Assim, reunimos neste dossiê artigos que problematizam o contemporâneo, pondo em questão as minorias e a segregação, o feminismo, o transexualíssimo, o singular e o coletivo, as tecnologias digitais, ética das imagens, educação e neoliberalismo, analisado à luz da perspectiva metapsicológica da psicanálise.

Esse dossiê é fruto de um coletivo composto pelo Laboratório de Estudos de Psicanálise, Cultura e Subjetividade/LAEPUS/PPGP-UNIFOR, GT/ANPEPP Psicanálise, Política e Clínica, Revista Subjetividades, autores, pareceristas, revisores, equipe operacional. Agradeço a todos pela parceria!

Meus agradecimentos à Tereza Isabel, quem coordenou a equipe operacional de editoração do dossiê, Orleans, secretário da revista e Jessika do Carmo, membro da equipe.

Boa leitura!

Referências

- Ayouch, T. (2018). Les corps et les plaisirs: Foucault, le genre, la psychanalyse. *Figures de la psychanalyse*, (1), 87-102.
- Ehrenberg, A. (2004). Depressão, doença da autonomia. *Ágora*, 7(1), 143-153. Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol.

Recebido em: 22/10/2010

Aceito em: 22/10/2020

Publicado online: 28/11/2020